



PATRICK  
LEIGH FERMOR

# tempo de dádivas uma viagem a pé



PAÍSES BAIXOS  
ALEMANHA  
ÁUSTRIA  
CHECOSLOVÁQUIA  
HUNGRIA



INTRODUÇÃO  
JAN MORRIS



TRADUÇÃO  
ALDA RODRIGUES

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X X

Este livro corresponde ao primeiro volume do relato do autor e chega até à Hungria. A viagem completa de Leigh Fermor decorreu entre Roterdão e Constantinopla, de 1933 a 1935.

## ÍNDICE

© 2020, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6 A | 1500-461 Lisboa  
21 726 90 28/29 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *A Time of Gifts*  
© The Estate of Patrick Leigh Fermor, 1977

Título: *Tempo de Dádívas: Uma viagem a pé*  
Autor: Patrick Leigh Fermor  
Introdução: Jan Morris  
Tradução: Alda Rodrigues  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Fevereiro de 2020

ISBN 978-989-671-537-3  
Depósito Legal n.º 466697/20

INTRODUÇÃO, por Jan Morris	7
CARTA INTRODUTÓRIA A XAN FIELDING	15
1 Os Países Baixos	39
2 Subir o Reno	59
3 Pela Alta Alemanha dentro	95
4 <i>Winterreise</i>	145
5 O Danúbio: estações e castelos	191
6 O Danúbio: aproximação a uma <i>Kaiserstadt</i>	237
7 Viena	275
8 A fronteira do mundo eslavo	321
9 Praga sob a neve	345
10 Eslováquia: finalmente um passo em frente	373
11 As Marcas da Hungria	397
NOTA BIOGRÁFICA	429

## INTRODUÇÃO

por Jan Morris

**A** inveja é o pecado dos escritores, como toda a gente sabe, mas poucos escritores do mundo anglófono levarão a mal a superioridade de Patrick Leigh Fermor enquanto um dos grandes prosadores do nosso tempo. Não tem rivais, portanto está para lá da inveja.

O género literário que cultiva é difícil de definir. Patrick Leigh Fermor costuma ser classificado como escritor de viagens; na realidade, é infinitamente mais do que isso. Sem dúvida, as experiências de viagem são o tema dos seus livros, mas ele também é memorialista, historiador, conhecedor de arte e arquitectura, poeta, humorista, contador de histórias, cronista social, além de ter algo do místico, sendo um dos aventureiros de Deus. Estes diferentes talentos revelaram-se pela primeira vez em todo o seu esplendor em *Tempo de Dádivas*, publicado em 1977, tinha o autor sessenta e dois anos.

Por essa altura, já tinha vivido meia vida cheia de aventuras e publicado três livros de viagens muito admirados. Indisciplinado desde que nasceu, de boa vontade abandonou, aos dezassete anos, uma educação formal dispendiosa, para se alistar no exército britânico no início da Segunda Guerra Mundial. Depois do ultraformalismo das Irish Guards (era de ascendência parcialmente irlandesa), gravitou naturalmente para a guerrilha, o ofício militar a que mais claramente se adequava.

Em 1942, o pináculo da sua carreira de rufião profissional foi a organização do rapto de um general alemão na Creta ocupada, arrebatado para o Egipto numa lancha a motor.

Viver nas grutas de Creta disfarçado de pastor não deve ter sido muito difícil para Leigh Fermor, e *Tempo de Dádivas* explica porquê. Tinha nascido para aquilo. Nove meses antes de o major Patrick Leigh Fermor, enfiado nas montanhas de Creta com os cúmplices, ultimar os preparativos para o rapto do general Kreipe, o jovem e robusto Paddy Leigh Fermor, acabadinho de sair da King's School, na Cantuária, desembarcava de um vapor em Hoek van Holland, na costa holandesa, preparando-se para percorrer a Europa até Constantinopla. Descrevia-se como um Estudioso Errante. Viajava sozinho e estava disposto a dormir em qualquer sítio, a falar com qualquer pessoa, a sobreviver com quase nada, comendo e bebendo qualquer coisa, a experimentar todas as línguas, a fazer amizade com estranhos, ricos ou pobres, e a enfrentar o pior que o calor e o frio, os contratempos e as bolhas, a burocracia, os preconceitos e a política conseguissem arranjar. Que melhor preparação poderia haver para as tramóias subversivas de Creta?

Ao mesmo tempo, como muito depois se constatou, não podia haver melhor material para um livro escrito retrospectivamente, encarando a Europa antes da guerra através de uma região de história e experiência cada vez mais sombria. O jovem Leigh Fermor percorreu o continente num momento funesto da história da Europa. Os anos trinta do século xx foram um tempo de recordar e também um tempo de espera. A velha Europa, a Europa dos príncipes e camponeses, do imperador Francisco José e do Kaiser Guilherme, das antigas cidades grandiosas ainda intactas e das tradições seculares até então honradas, continuava presente na consciência pública.

Também a preocupação com a catástrofe que havia de acontecer estava, contudo, intermitentemente presente, ainda que, em geral, recalçada: 1933, o ano em que Leigh Fermor pisou a Alemanha pela primeira vez, também foi o ano em que Hitler chegou ao poder.

Como o próprio Leigh Fermor reconhece, na altura estava-se nas tintas. Um dos encantos de *Tempo de Dádivas* é o facto de a viagem, na realidade, ser evocada por duas pessoas: o desistente da escola jovem e despreocupado que a realizou e a registou na memória e nos seus diários; e o autor com vasta experiência que, compreendendo e conhecendo melhor a História quarenta anos depois, a transformou em arte.

Totalmente *sui generis*, *Tempo de Dádivas* comporta-se como bem lhe apetece. Não tem precedentes; não segue qualquer convenção. Os equivalentes mais próximos que me ocorrem são, seis séculos antes, as obras que Ibne Batuta escreveu ao longo da vida, ou *Praeterita*, o inclassificável livro de memórias, filosofia e viagens de John Ruskin. Os predecessores mais óbvios — *Eothen*, de Alexander William Kinglake, ou *A Estrada para Oxiana*, de Robert Byron — são de uma espécie diferente, a meu ver, porque, ao contrário deste livro, não reflectem simultaneamente o amadurecimento de um raciocínio e a situação de um continente. Além disso, Leigh Fermor é Leigh Fermor e nem Kinglake nem Byron raptaram generais...

A aventura de 1942 em Creta permeia a narrativa de 1933 porque claramente permeia o pensamento do autor em 1977. O ensaio introdutório do livro, endereçado ao seu companheiro de armas Xan Fielding, faz referências veladas a esse golpe em tempo de guerra, presentificando-o assim no nosso pensamento. De modo algum podemos descrever este livro

como simples volume de memórias de viagem: além de estar repleto de alusões, ideias posteriores e remissões, para trás e para a frente, para dentro e para fora, tem um final tentadamente em aberto — termina a meio caminho de Constantinopla e o leitor fica à espera do volume seguinte para lá chegar.

Também a forma do livro apresenta várias camadas. Uma vez assenta em reminiscências exploradas imaginativamente, outras é puro impressionismo. De vez em quando inclui sugestões do que acontecerá depois, sem o jovem viajante adivinhar.

Há demonstrações virtuosísticas de erudição e perspicácia muito além das capacidades de alguém de dezanove anos, mas também descrições de reacções inequivocamente sem mediação, tão cativantemente sinceras, que só poderiam ter origem nos próprios cadernos de Paddy, escrevinhados sobre uma meda de feno, numa sala de estar ou num *pub* hospitaleiro, pelo caminho. Leigh Fermor não se limita a recordar, olha para si mesmo também, como numa daquelas pinturas cubistas em que vemos simultaneamente o perfil e o rosto de frente.

Acrescente-se que não há rigidez na construção do livro. É totalmente fluido. A qualquer momento podemos ser transportados para outra corrente de pensamento, outro ritmo, outro estado de espírito. Tal como nunca sabemos onde passaremos a noite seguinte — num celeiro, num *Schloss*, no quarto vago de um estranho ou numa cela de prisão —, também nunca sabemos que súbito arroubo de fantasia erudita nos arrebatará nas páginas seguintes. O caminho definido por Paddy não era sacrossanto. Percorrer directamente a Europa, do mar do Norte ao Bósforo, subindo o vale do Reno e descendo o Danúbio pareceu-lhe racional e romântico, mas quando alguém em Bratislava comentou que devia mesmo ver Praga, fez imediatamente um desvio imprevisto de várias centenas de quilómetros

(e de todo um capítulo). Além disso, apesar de inicialmente prever levar uma vida dura durante toda a viagem, quando chega à Europa Central vemo-lo passar interlúdios confortáveis em castelos, graças a amigos ou a amigos de amigos hospitaleiros.

Quase todos os momentos de *Tempo de Dádivas* ilustram a riqueza da sua técnica. Veja-se o sexto capítulo, onde se descreve a aproximação de Paddy a Viena. Inclui uma discussão sobre canções populares europeias, uma passagem sobre didascálias em Shakespeare, uma digressão sobre os percursos de tribos errantes, uma descrição da morte de Odoacro, duas páginas de diálogo com a viúva de um chefe dos correios, uma evocação arrebatadora do ponto de vista lírico da Abadia Beneditina de Melk, tagarelice académica sobre Ricardo, Coração de Leão, um apontamento sobre um eco extraordinário, visitas a um monge irlandês e a aristocratas austríacos, uma oferta de ovos de pato, a chegada a Viena em pleno golpe de Estado, e, por fim, uma cama numa pousada do Exército da Salvação. Tudo isto é transmitido com limpidez e facilidade, dir-se-ia que exactamente como aconteceu ou ocorreu ao autor, e só quando se folheia o livro novamente se percebe que a Abadia de Melk, a obra-prima arquetípica do ideal europeu, se situa precisamente no centro da narrativa — ao meio-dia, na metáfora do próprio Leigh Fermor.

Uma vez por outra, isto exige de nós (e, de boa vontade, recebe) suspensão de descrença. Trata-se, sem dúvida, de arte a esconder a arte. Tanto a erudição como o poder de observação são evidentes, mas a belíssima forma do livro só gradualmente se revela. Quer Melk tenha sido colocada no centro intencionalmente quer isso tenha acontecido por um acaso feliz, é lá que Melk está, em toda a sedução da prosa de Leigh Fermor, no auge da sua voluptuosidade, e não é raro percebermos com que habilidade

os crescendos são preparados ou os momentos de calma se instalam. Este ritmo nunca é ostensivo, nunca é invasivo, em parte porque toda a estrutura se centra num jovem inglês intrinsecamente desprezioso. É um livro caleidoscópico, mas convergindo sempre para o Excelentíssimo Senhor P. Leigh Fermor, aos dezanove anos, calcorreando o mundo com a mochila às costas.

Ele é toda a gente, mas de um modo particularmente encantador. Pessoas de todos os tipos simpatizam com ele. Faz amigos onde quer que vá, tratando do mesmo modo os vagabundos e os barões; paga todas as dívidas, mostrando o grau certo de deferência para com os mais velhos, bem como boa disposição no convívio com os pares; namoriska com raparigas que lhe oferecem ovos de pato; embebeda-se; detesta fazer desfeitas; e, essencialmente, comporta-se como um jovem inglês inteligente e bem-educado dos anos trinta deve comportar-se. Não ficamos minimamente surpreendidos quando descobrimos que, dez anos depois, constatando que o general Heinrich Kreipe é seu prisioneiro, os dois trocam odes horacianas enquanto espreitam da entrada da gruta para o monte Ida.

O poder de atracção essencial desta personagem, tão fresca e cheia de esperança, em contraste com a majestade condenada de um continente ancestral, torna *Tempo de Dádivas* uma obra única nas letras inglesas. É um livro culto, assombroso, prodigiosamente talentoso, mas também inocente. De que outra obra se pode dizer o mesmo? Quando o livro saiu, em 1977, o lendário John Murray VI, responsável pela editora, enviou-me um exemplar de trabalho, para o caso de eu querer escrever uma recensão. Posso ser suspeito, afirmou, «mas acredito realmente que se trata de uma obra de génio».

Concordo com ele, e a posteridade também concordará.

*Deixa a tua casa e procura costas estrangeiras,  
ó jovem: por ti espera uma vida mais ampla.  
Não cedas ao infortúnio: o longínquo Danúbio te conhecerá,  
Bem como o frio vento boreal e os tranquilos reinos de Canopo,  
E também quem contempla o renascer de Febo e o seu ocaso.  
Aquele que desembarca em areias estranhas é engrandecido.*

—TITO PETRONIO ARBITER\*

*Dei uma pancada na mesa e exclamei: «Já chega!  
Vou para o estrangeiro.»  
Estarei condenado a suspirar e a consumir-me em desejo?  
São livres a minha vida e os meus versos; livres como a estrada,  
Livres como o vento.*

— GEORGE HERBERT

*Já se foi o tempo de dádivas —  
Ó rapazes que crescem, ó neves derretendo,  
Ó mágoas que os anos têm de preencher —  
Sobre esta terra apagada é preciso construir  
Sem adornos; cbegámos  
À Noite dos Reis ou como preferirem... como preferirem.*

— LOUIS MACNEICE\*\*

\* «Linque tuas sedes alienaque litora quaere,/o juvenis: major rerum tibi nascitur ordo./Ne succumb e malis: te noverit ultimus Hister,/Te Boreas gelidus securaque regna Canopi,/quique renascentem Phoebum cernuntque cadentem/major in externas fit qui descendit harenas.» (N. da t.)

\*\* De «Twelfth Night», in *The Collected Poems*, com permissão da Faber & Faber, Londres, e da Oxford University Press, Nova Iorque.

Caro Xan

Como só agora acabei de encaixar as peças destas viagens, tenho bem frescas as épocas que abordei e os acontecimentos posteriores parecem ainda mais recentes; por isso custa a crer que nos conhecemos — ambos de turbante negro, botas, faixa na cintura, apropriadamente armados de punhal de prata e marfim, e agasalhados com um manto de pêlo de cabra branco, com sujidade entranhada —, em Creta, há mais de três décadas, em 1942. A esse primeiro contacto no monte Kedros seguiram-se muitos encontros e aventuras; além disso, felizmente, a nossa forma de combate irregular permitia longos períodos de inactividade ao abrigo das montanhas: geralmente à altura das águias, sob os ramos, as constelações ou as estalactites de Inverno gotejantes, deitávamo-nos entre as rochas e conversávamos sobre as nossas vidas antes da guerra.

Com efeito, poder-se-ia pensar que ser indiferente à sordidez das grutas e ter reacções rápidas na iminência do perigo eram as aptidões preferenciais para a vida na Grécia ocupada. Contudo, e inesperadamente, tendo em conta que se tratava de uma guerra moderna, foi a nossa escolha obsoleta de estudar grego na escola que nos garantiu o transporte para o calcário. Com uma perspicácia outrora considerada rara, o exército



## NOTA BIOGRÁFICA

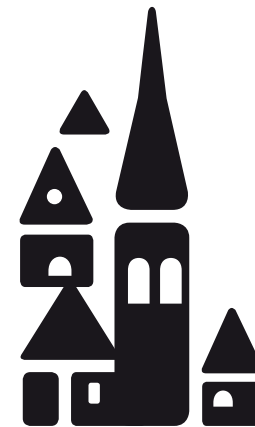
Patrick Leigh Fermor nasceu em 1915, em Londres, de ascendência inglesa e irlandesa. Aos dezoito anos decidiu ir a pé até Constantinopla, a partir de uma pequena cidade da Holanda. Essa viagem deu origem a *Tempo de Dádivas* (1977), livro que o consagrou como um dos grandes escritores de viagens do século xx. Escreveu ainda, entre outros, *The Traveller's Tree* (1950), *Tempo de Silêncio* (1957; Tinta-da-china, 2018), *Mani* (1958), *Roumeli* (1966) e *Between the Woods and the Water* (1986).

Em 1939, Fermor alistou-se no exército irlandês e foi combater na Grécia, vivendo dois anos disfarçado de pastor nas montanhas de Creta, onde organizava a resistência à ocupação germânica. Em 1944, liderou a captura do general alemão Heinrich Kreipe, façanha celebrizada no filme *Ill Met by Moonlight* (1957). O documentário *The 11th Day* (2003), sobre a resistência em Creta, inclui uma entrevista a Fermor onde ele relata a sua vivência militar grega. Recebeu duas importantes condecorações militares britânicas — Order of the British Empire (1943) e Distinguished Service Order (1944) — e era cidadão honorário de três cidades gregas — Heraklion (Creta), Kardamyli e Gytheion (Peloponeso).

Os seus livros foram galardoados com vários prémios literários: Heinemann Foundation Prize for Literature; WH Smith Literary Award; Lifetime Achievement Award (British Guild

of Travel Writers); Thomas Cook Travel Award; Duff Cooper Memorial Prize. Foi ainda distinguido como Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras (França) e Comandante da Ordem da Fénix (Grécia). Em 2014, foi criada a Patrick Leigh Fermor Society.

A partir de 1968, viveu entre a Grécia, numa casa que construiu com a mulher, perto de Kardamyli, e Worcestershire, em Inglaterra, onde morreu em 2011, aos 96 anos.



## tempo de dádivas

*foi composto em caracteres Hoefler Text  
e impresso na Eigel, Indústria Gráfica,  
sobre papel Coral Book de 80 g,  
no mês de Janeiro  
de 2020.*

